

Um nome para a paisagem

Uma descoberta. Um nome para a paisagem...

Uma descoberta, ainda a paisagem, hoje.

Difícilmente encontramos uma temática tão fértil no campo da pintura como a paisagem. Desde há muitos séculos que assim acontece, e nem a fotografia conseguiu destronar este tema da pintura.

Em Portugal, como por toda a Europa o romantismo juntou-lhe uma componente dramática, porque aliás a paisagem entre nós não tinha cultores, e portanto ela nasce com o nosso romantismo tardio, recordamos, aqui o *Só Deus* de Metrass.

Envolvida por dramas históricos e psicológicos, a paisagem ganha autonomia com o naturalismo e com os seus cultores ar-livristas como Silva Porto e Marquês de Oliveira. É o tempo das grandes linhas de horizonte a rasgarem o quadro, das pochades, das figuras que se deixam envolver pela natureza. Ao longo de mais de cinquenta anos entrados neste século, o ar-livrismo continuou a ser praticado por Carlos Reis, Alves Cardoso, Falcão Trigoso, Eduarda Lapa, ou por outros seguidores dos primeiros mestres que se mantiveram encantados pela luz e pela natureza vestida de campo ou de mar.

Assistimos, com a chegada dos primeiros modernistas, depois de alguns anos em Paris, na aurora deste século, à novidade da paisagem, interpretada por valores fauvistas e cézannianos, como aconteceu com Manuel Bentes, ou com o poeta da luz que foi Eduardo Viana.

Com o correr dos anos, muitos outros nomes se vieram juntar a esta maneira nova de interpretar a paisagem, lembremos, Dordio Gomes, Abel Manta, Júlio Santos, Celestino Alves, Dourdil e Hogan.

Surpresa, foi portanto a de encontrar um jovem pintor seduzido pela paisagem. Entre 1994 e 1997, Sérgio Costa desenvolveu uma aproximação plástica a este tema progressiva e analítica. Tal equivale a dizer que numa primeira fase, Sérgio ampliou a natureza, através de manchas expressivas e combinatórias, alinhou, ou melhor desalinhou o mar e a terra, a planura e as montanhas, numa paleta de cores quentes. Depois e progressivamente fixou-se nas arribas que escorregam para o mar, tentou-se pelos rochedos, pelas pedras soltas que rolam até cá baixo, ou que se fixam no alto ou no caminho, sem sabermos como.

Forma a forma, desenho a desenho, pormenor a pormenor, este mundo de ausências, também comum a Celestino Alves e Navarro Hogan, ao procurarem a estrutura da paisagem versus estrutura da natureza, assim tem caminhado a pintura de Sérgio Costa, até ao presente.

Nela se mantém em suspenso o nome do lugar, mas as imagens são evocações possíveis, ocasionais, nossas – da paisagem. Actualmente as últimas imagens que nos são apresentadas vivem da monocromia, dos tons frios, por forma a que o desenho se saliente e molde cada vez mais pormenorizadamente as saliências ou o recuo da pedra.

Ultrapassagem vertiginosa da fotografia, da qual aliás o pintor se utiliza naturalmente.

Evocação da B.D. porque este realismo rigoroso salta imediatamente para o terreno do fantástico, pelas associações possíveis às formas pintadas e descritas, pelos Adamastores que povoam os nossos espíritos, pela suposta desertificação.

A pintura aproxima-se ou afasta-se da natureza, à procura de uma identidade que em mancha ou pormenor se liga inexoravelmente ao discurso abstracto ou realista, sem que isso se constitua como algo importante. É sobretudo precioso, o ver, o insistir mil vezes no mesmo detalhe, o pintar, até lhe apanhar o segredo.

Um nome para a paisagem...

Cristina Azevedo Tavares